



ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CEB DE LOUSADA

12º ANO

Lê, com atenção, o seguinte excerto de *Memorial do Convento* de José Saramago:

Nove anos procurou Blimunda. Começou por contar as estações, depois perdeu-lhes o sentido. Nos primeiros tempos calculava as léguas que andava por dia, quatro, cinco, às vezes seis, mas depois confundiram-se-lhe os números, não tardou que o espaço e o tempo deixassem de ter significado, tudo se media em manhã, tarde, noite, chuva, soalheira, granizo, névoa e nevoeiro, caminho bom, caminho mau, encosta de subir, encosta de descer, planície, montanha, praia do mar, ribeira de rios, e rostos, milhares e milhares de rostos, rostos sem número que os dissesse (...).

Milhares de léguas andou Blimunda, quase sempre descalça. A sola dos seus pés tornou-se espessa, fendida como uma cortiça. Portugal inteiro esteve debaixo destes passos, algumas vezes atravessou a raia de Espanha porque não via no chão qualquer risco a separar a terra de lá da terra de cá, só ouvia falar outra língua, e voltava para trás. Em dois anos, foi das praias e das arribas do oceano à fronteira, depois recomeçou a procurar por outros lugares, por outros caminhos, e andando e buscando veio a descobrir como é pequeno este país onde nasceu. Já aqui estive, já aqui passei, e dava com rostos que reconhecia, Não se lembra de mim, chamavam-me Voadora, Ah, bem me lembro, então achou o homem que procurava, O meu homem, Sim, esse, Não achei, Ai pobrezinha, Ele não terá aparecido por aqui depois de eu ter passado, Não, não apareceu, nem nunca ouvi falar dele por estes arredores, Então cá vou, até um dia, Boa viagem, Se o encontrar.

Encontrou-o. Seis vezes passara por Lisboa, esta era a sétima. Vinha do sul, dos lados de Pegões. Atravessou o rio, quase noite, na última barca que aproveitava a maré. Não comia há quase vinte e quatro horas. Trazia algum alimento no alforge, mas, de cada vez que ia levá-lo à boca, parecia que sobre a sua mão outra mão se pousava, e uma voz lhe dizia, Não comas, que o tempo é chegado. Sob as águas escuras do rio, via passar os peixes a grande profundidade, cardumes de cristal e prata, longos dorsos escamosos ou lisos. A luz interior das casas coava-se através das paredes, difusa como um farol no nevoeiro. Meteu-se pela Rua Nova dos Ferros, virou para a direita na igreja de Nossa Senhora da Oliveira, em direcção ao Rossio, repetia um itinerário de há vinte e oito anos. Caminhava no meio de fantasmas, de neblinas que eram gente. Entre os mil cheiros fétidos da cidade, a aragem nocturna trouxe-lhe o da carne queimada. Havia multidão em S. Domingos, archotes, fumo negro, fogueiras. Abriu caminho, chegou-se às filas da frente, Quem são, perguntou a uma mulher que levava uma criança ao colo, De três sei eu, aquele além e aquela são pai e filha que vieram por culpas de judaísmo, e o outro, o da ponta, é um que fazia comédias de bonifrates e se chamava António José da Silva, dos mais não ouvi falar.

São onze os supliciados. A queima já vai adiantada, os rostos mal se distinguem. Naquele extremo arde um homem a quem falta a mão esquerda. Talvez por ter a barba enegrecida, prodígio cosmético da fuligem, parece mais novo. E uma nuvem fechada está no centro do seu corpo. Então Blimunda disse, Vem. Desprendeu-se a vontade de Baltasar Sete-Sóis, mas não subiu para as estrelas, se à Terra pertencia e a Blimunda.

José Saramago, *Memorial do Convento*, 33.ª ed., Ed. Caminho, 2002.

Vocabulário:

“soalheira” – hora de maior calor; ardor do sol, calor; “raia” – fronteira; “alforge” – espécie de saco; “(comédias de) bonifrates” – boneco que se move por arames; “supliciado” – condenado ao suplício, ou seja, a uma punição corporal, ordenada pela justiça; “fuligem” – matéria negra e espessa produzida pelo fumo.

Grupo I

➤ Responde, de forma clara e completa, às questões que te são colocadas.

1. Situa o excerto transcrito na estrutura da obra.

2. À sétima vez que passa por Lisboa, Blimunda encontra, finalmente, Baltasar.

2.1. Expõe a simbologia do número sete, também presente nas alcunhas das duas personagens.

3. “Não comas, que o tempo é chegado.” (linha 19)

3.1. Mostra em que medida a voz ouvida por Blimunda pressagia o desfecho da narrativa.

4. “(...) *repetia um itinerário de há vinte e oito anos*” (linha 22)

4.1. Explicita a referência temporal presente nesta passagem.

5. Explica de que forma, neste excerto, se cruzam a verdade histórica e a ficção.

6. Interpreta o último período do excerto transcrito.

7. Encontra, no excerto, um exemplo de:

- enumeração;
- comparação;
- metáfora.

Grupo II

➤ Lê, com atenção o seguinte excerto:

Naquele momento, fez um gesto e uma careta de desagrado, e começou o passeio.

— Nem sabem ser gratos àqueles que têm dado a liberdade e a vida, e continuam a dá-las, pelos direitos de todos nós. Vieram escravos, e escravos tornam. Mas alguns, que se julgavam ricos, têm de lá voltado com uma perna às costas, a toque de caixa. Os fidalgos e os doutores comem-lhes a camisa do corpo. E os parentes pobres, a inveja e a pedincha... Ninguém lhes perdoa a riqueza. E talvez tenham razão: no fim de contas, viver aqui é um privilégio, e os que lá ficaram, coitados, a passar necessidades, não podem deixar de ter inveja. Este mundo é largo, e chegava bem para todos, se soubéssemos partilhar os frutos do trabalho! O dinheiro e as coisas que ele compra só deviam servir para nos elevar, para nos dar dignidade. Daí para cima, o dinheiro é o veneno da humanidade...

José Rodrigues Miguéis, *Onde a Noite se Acaba*, Ed. Círculo de Leitores
(adaptado)

1. “*Os fidalgos e os doutores comem-lhes a camisa do corpo.*”(linha 4)

1.1. Reescreve esta frase no futuro, procedendo a todas as alterações que consideres necessárias.

2. De entre as afirmações que se seguem, escolhe, identificando-a, através da alínea respectiva, a hipótese que corresponde à opção correcta:

Na frase “Naquele momento, fez um gesto e uma careta de desagrado” (linha 1), estamos perante um exemplo de:

- a) dêixis pessoal;
- b) dêixis temporal;
- c) dêixis espacial;
- d) dêixis discursiva.

3. De entre as afirmações que se seguem, escolhe, identificando-a, através da alínea respectiva, a hipótese que corresponde à opção correcta:

Na frase “Este mundo é **largo**” (linha 6), a palavra sublinhada desempenha a função sintáctica de:

- a) complemento directo;
- b) sujeito;
- c) predicativo do sujeito;
- d) complemento agente da passiva.

4. De entre as afirmações que se seguem, escolhe, identificando-a, através da alínea respectiva, a hipótese que corresponde à opção correcta:

A frase “*se soubéssemos partilhar os frutos do trabalho!*” (linha 7) é uma oração:

- a) subordinada substantiva relativa sem antecedente;
- b) subordinante;
- c) subordinada adverbial condicional;
- d) subordinada adverbial causal.

5. De entre as afirmações que se seguem, escolhe, identificando-a, através da alínea respectiva, a hipótese que corresponde à opção correcta:

A frase sublinhada na sequência “O dinheiro e as coisas que ele compra só deviam servir para nos elevar.” (linhas 7 e 8), é uma oração:

- a) subordinada substantiva completiva;
- b) subordinada relativa com antecedente restritiva;
- c) subordinada relativa com antecedente explicativa;
- d) subordinada adverbial causal.

6. Identifica as afirmações verdadeiras (V) e as afirmações falsas (F), escrevendo, na folha da prova, V ou F junto a cada uma das alíneas.

N.B.: Sempre que a afirmação for falsa debes corrigi-la.

Podes preencher os quadrados ao lado das alíneas, usando o enunciado como folha de rascunho.

Afirmações		
a)		Na expressão “continuam a dá-las” (linha 2) o antecedente do pronome sublinhado é “as pessoas” .
b)		Na frase “Vieram escravos e escravos tornam”(linha 3), a palavra sublinhada é uma conjunção coordenativa copulativa.
c)		Na frase “Os fidalgos e os doutores comem-lhes <u>a camisa do corpo</u> .” (linha 4), a expressão sublinhada desempenha a função sintáctica de predicativo do complemento directo.
d)		Na frase “Ninguém <u>lhes</u> perdoa a riqueza” (linha 5), o pronome pessoal encontra-se anteposto ao verbo pelo facto de a frase ser negativa.
e)		Na frase “ <u>Ninguém</u> lhes perdoa a riqueza” (linha 5), a expressão sublinhada desempenha a função sintáctica de sujeito.
f)		Na expressão “E <u>talvez</u> tenham razão” (linha 5), a palavra sublinhada é um advérbio de tempo.
g)		Na frase “(...) se <u>soubéssemos</u> partilhar os frutos do trabalho!” (linha 7), o verbo sublinhado encontra-se no presente do conjuntivo.

7. Escreve duas frases, simples ou complexas, em que a palavra “*passeio*” (linha 1) surja com categorias morfológicas diferentes.

8. Refere, de entre expressões sublinhadas (a negrito), que se seguem, aquelas que se tratam de um co-referente ou de uma referência anafórica.

a) **Sete-Luas** é uma personagem que faz parte da obra *Memorial do Convento*.

b) Na obra, o rei ouviu as palavras de frei António e prometeu-**lhe** que construiria um convento em Mafra.


- c) Entre outras coisas, a obra fala-nos do projecto do Voador e das consequências da “guerra de João”, onde um dos protagonistas participou, ficando com mazelas físicas.

Grupo III

➤ Escolhe uma das seguintes opções:

①


O Memorial do Convento é uma obra onde a crítica, a ironia e o sarcasmo ajudam a traçar o retrato da sociedade portuguesa do início do século XVIII.

 Num texto expositivo-argumentativo, de cento e cinquenta (150) a duzentas (200) palavras, refere três dos aspectos criticados na obra que consideres mais relevantes, fundamentando a tua opinião com argumentos decorrentes da tua experiência de leitura.

②

“O Memorial, sendo-o embora de um convento, é-o, sobretudo, de uma época da qual se esqueceu a outra face composta por gente anónima cuja importância o narrador tenta perpetuar...”

Ana Paula Arnaut, Memorial do Convento, história, ficção e ideologia,
Coimbra, Ed. Fora do Texto, 1996

 Elabora uma dissertação, de cento e cinquenta (150) a duzentas (200) palavras, em que abordes, de forma cuidada e fundamentada, o modo como a história do convento suscita a história do povo anónimo, neste romance de José Saramago.

Bom Trabalho! 😊

Grupo I (100 pontos)							Grupo II (40 pontos)								Grupo III	Total
1.	2.1.	3.1.	4.1.	5.	6.	7.	1.1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.		
20	20	12	12	10	20	6	6	2	2	2	2	11	5	10	60	200 pontos

Proposta de correcção do teste

Grupo I

1. Este excerto situa-se no final da obra (capítulo XXV), quando Blimunda, depois de ter procurado Baltasar durante nove anos, o encontra, finalmente, a ser queimado num auto-de-fé, em Lisboa. Note-se que Baltasar tinha desaparecido depois de se ter deslocado sozinho a Monte Junto para ver a passarola.

2.1. O número sete simboliza a conclusão de um ciclo e a sua renovação. Foi ao sétimo dia que Deus descansou, depois de ter criado o mundo. Assim, Blimunda também vai descansar, depois de ter encontrado Baltasar. É um ciclo que se fecha.

Na obra, este número associa-se ainda, nas personagens, ao Sol (Baltasar Sete-Sóis) e à Lua (Blimunda Sete-Luas). O Sol é símbolo de vida e, por isso, pode associar-se ao povo que trabalha incessantemente, como o próprio Baltasar, que encontra energias, mesmo depois de ter ficado sem uma mão.

A Lua, por sua vez, não tem luz própria, dependendo do Sol. Blimunda também sente necessidade de Baltasar (prova disso é a busca incessante, que dele faz, durante nove anos), apesar de possuir a sua autonomia, que lhe permite ver às escuras.

É esta junção de Sol/Lua e do número sete, que faz do casal o exemplo da totalidade, da perfeição, totalmente alcançada, quando Blimunda recolhe, em si, a vontade de Baltasar.

3.1. A voz, que Blimunda parece ouvir, alerta para o encontro final, aquele que a vai levar a descobrir Baltasar a ser queimado num auto-de-fé, em S. Domingos. Convém salientar que este se vai tratar de um encontro e não de uma separação, por isso é que ela sentia “que sobre a sua mão outra mão se pousava”, uma vez que só em jejum ela podia fazer o que realmente fez, ou seja, recolher a vontade de Baltasar, de forma a permanecerem unidos espiritualmente.

4.1. As personagens conhecem-se no auto-de-fé, em cuja procissão vai a mãe de Blimunda, vinte e oito anos antes. Naquele dia, Blimunda percorria o mesmo caminho, para encontrar, no mesmo local, Baltasar a ser executado num auto-de-fé.

5. A verdade histórica está presente na realidade que foram os autos-de-fé, em geral, e este, em particular, uma vez que lá se encontra a ser supliciado uma personagem histórica da literatura portuguesa, António José da Silva, *o Judeu*; a ficção revela-se nas personagens Baltasar e Blimunda e, por consequência, na longa demanda que esta teve de realizar para encontrar o seu “homem”.

6. No último período do texto, a “vontade” de Baltasar é recolhida por Blimunda, simbolizando a simbiose do casal, a sua união perfeita. Blimunda engravida simbolicamente, quando recolhe dentro de si a “vontade” do seu homem. Assim, vence o milagre do amor, o único que dá sentido à vida.

7. De acordo com o excerto, é possível encontrar-se os seguintes recursos estilísticos:

- **Enumeração:** “tudo se media em manhã, tarde, noite, chuva, soalheira, granizo, (...), rostos”;
- **Comparação:** “A sola dos seus pés (...) fendida como uma cortiça.”;
- **Metáfora:** “cardumes de cristal e prata”.

Grupo II

1.1. “Os fidalgos e os doutores comer-lhes-ão a camisa do corpo.

2. b) Dêixis temporal.

3. c) Predicativo do sujeito.

4. c) Oração subordinada adverbial condicional.

5. b) Oração subordinada relativa com antecedente restritiva.

6.

a) **Falsa** – “(...) o antecedente do pronome sublinhado é “a liberdade e a vida” .

b) **Verdadeira**

c) **Falsa** – “(...) desempenha a função sintáctica de complemento directo”.

d) **Verdadeira**

e) **Verdadeira**

f) **Falsa** – “(...) é uma advérbio de dúvida”.

g) **Falsa** – “(...) encontra-se no pretérito imperfeito do conjuntivo.

7. Eles foram ao passeio da escola. (nome)

Eu passeio muito, mas apenas ao fim-de-semana. (verbo)

8. a) **Co-referente** de “Blimunda”.

b) **Referência anafórica** de “frei António”.

c) **Co-referentes** de: Padre Bartolomeu de Gusmão (“Voador”) e da Guerra de Sucessão (“guerra de João”).

Grupo III

Opção 1 (texto expositivo-argumentativo):

Podiam ser focados, por exemplo, três dos seguintes aspectos criticados na obra:

- a situação dos trabalhadores obrigados a trabalhar em Mafra;
- o povo que dança em volta das fogueiras onde se queimaram os condenados, aprovando, tacitamente (implicitamente), os autos-de-fé;
- a ausência de amor na relação rei/rainha (relação contratual), por oposição ao amor verdadeiro e à relação amorosa entre Blimunda e Baltasar;
- a opulência do rei e dos nobres, por oposição à extrema pobreza do povo;
- os métodos e práticas dos inquisidores;
- a corrupção dos costumes e o adultério (relações do rei com as freiras e com a madre Paula de Odivelas, relações dos frades que “içam as mulheres para dentro das celas”, os encontros das mulheres com outros homens, os maridos traídos...)
- (...)

Opção 2 (dissertação):

O romance começa por fazer “crónica” da construção do convento de Mafra, atentando, de início, nas personagens históricas ligadas a este evento:

- a partir do IV capítulo, começa a desenhar-se, dentre o povo anónimo, uma personagem que vai ganhar grande relevo: Baltasar Sete-Sóis;
- a narrativa afasta-se do rumo inicial e da expectativa gerada pelo título e passa a seguir o caminho de Baltasar, personagem do povo, que retira primeiro plano às personagens da corte e ao seu convento;
- quando Baltasar conhece a mulher que “olha por dentro”, é introduzida uma nova personagem popular, Blimunda, que logo se distingue pelos seus dons especiais;
- o encontro e inter-relações destas figuras com o Padre Bartolomeu de Gusmão é outra etapa que vai deslocar a importância narrativa da construção do convento para as figuras que emergem entre o povo anónimo;
- a narração das obras do convento torna-se esporádica, sendo suscitada pela presença, no lugar da construção, destas personagens;
- o povo que trabalha nas obras e que integra Baltasar e Blimunda torna-se objecto narrado, mais importante do que o próprio convento;
- são, pois, estas personagens, que, em torno de si, suscitam a gesta da gente anónima da época: os trabalhos passados em guerras, o trabalho da construção da basílica, as privações, a perseguição inquisitorial, as mortes.